




XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



A cidade a partir do edifício: narrativas urbano-edilícias na cartografia histórica de Belém (1886 a 1912)

The city from the building. Urban/built
narratives in historical cartography of Belém,
Pará, Brazil (1886-1912)

Rebeca Dias¹, FAU-UFPA, rebecabdias@gmail.com

*Celma Chaves², Professora do Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/ITEC),
celma_chaves@hotmail.com*

¹ **Rebeca Dias** - Graduada do 6º semestre em Arquitetura e Urbanismo -Universidade Federal do Pará. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/Fapespa) no Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica. Produções científicas vinculadas às pesquisas: "Documentação da arquitetura residencial de referências modernas em Belém na segunda metade do século XX" e "Estudo de processos de modernização em Belém como subsídio para a história urbana".

² **Celma Chaves** - Doutorado em Teoria e História da Arquitetura pela Universidad Politècnica da Catalunya (2005). Professor Associado II da Universidade Federal do Pará na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós- graduação em Arquitetura e Urbanismo (ITEC-UFPA). Coordena o Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica. Atuação com ênfase em: Teoria e Historiografia da Arquitetura Moderna; Cultura Arquitetônica e Modernização e História Urbana.

RESUMO

Durante a gestão de Antônio José de Lemos, entre 1897 a 1912, alguns indicativos do processo de modernização urbana ficaram evidentes, como a componente edilícia. Os edifícios, parte estruturante das políticas de Lemos, estavam pontuados na superfície da cidade, erguidos consoante concepções higienistas do fim do século XIX. Neste trabalho, abordam-se estes objetos a partir da inversão de caminhos e perspectivas referentes ao estudo do conjunto edificado na Belém da *Belle Époque*. Nesse sentido, o artefato arquitetônico, agora, segue em direção a seu contexto, utilizando-se um parâmetro espacial-distributivo, que destaca a história urbana. As obras, a partir de sua localização em mapa, mostrarão seu modo de inserção no contexto urbano e responderão questionamentos como: de que maneira sua construção influenciou a dinâmica espacial? Como o entorno influenciou na escolha dos sítios de implantação? É a partir dessa influência mútua edifício-entorno que se apresentará o mapeamento do conjunto edificado no período de 1886 a 1912. Portanto, para além da análise dos edifícios como artefatos construídos, as obras podem explicar a estruturação do entorno. Constata-se a partir do estudo realizada, que a ocupação edilícia é melhor visualizada em mapa, uma ferramenta de comunicação otimizada quanto da demonstração e análise desses fenômenos, fomentando uma associação entre cartografia histórica e história urbana, viabilizando a interpretação da cidade, seus protagonistas e seus fenômenos. Neste estudo, o mapa se revela em intenções e silêncios, ou seja, omissões deliberadas que fortalecem uma ideologia, fornecendo indícios para interpretação do contexto e dos atores envolvidos em sua produção.

Palavras Chave: Arquitetura; História Urbana; Cartografia Histórica;

ABSTRACT

During the administration of Antônio José de Lemos, between 1897 and 1912, some indicators of the process of urban modernization became evident, such as the building component. The buildings, a structural part of Lemos's policies, were punctuated on the surface of the city, constructed according to hygienist conceptions of the late nineteenth century. In this work, these objects are approached from the inversion of paths and perspectives referring to the study of the set built in Belém of *Belle Époque*. In this way, the architectural artifact, now, goes towards its context, using a spatial-distributive parameter, which highlights the urban history. The buildings, based on their location on the map, will show their mode of insertion in the urban context and answer questions such as: in what way did their construction influence spatial dynamics? How has the environment influenced the choice of deployment sites? It is from this mutual influence building-environment that will be presented the mapping of the set built in the period from 1886 to 1912.

Therefore, beyond the analysis of buildings as constructed artifacts, the constructions can explain the structuring of the environment. It can be seen from the study that the occupation of buildings is better visualized on the map, a tool of optimized communication on the demonstration and analysis of these phenomena, fomenting an association between historical cartography and urban history, making possible the interpretation of the city, its protagonists and its phenomena. In this study, the map reveals itself in intentions and silences, that is, deliberate omissions that strengthen an ideology, providing clues to the interpretation of the context and the actors involved in its production.

Keywords/Palabras Clave: Architecture; Urban History; Historical Cartography;

INTRODUÇÃO

A morfologia das cartografias históricas da cidade de Belém do Pará tem relação direta com os impulsos construtivos na superfície da cidade, determinando, por vezes, áreas passíveis de melhorias urbanas a partir de seu gradiente construído. Logo, onde mais se construía, mais evidente eram as estratégias de melhoria urbana e vice-versa. Essa afirmação suscetível à inversão, ratifica que as narrativas do urbano permeiam as narrativas dos edifícios, bem como o conjunto edilício, a partir de sua implantação, revela primas a partir dos quais a cidade é pensada. Esses enfoques estavam intrinsecamente arraigados a uma administração, no início do século XX, a qual se ateu às potencialidades das áreas centrais da cidade, corroborando, desse modo, com a precarização das áreas periféricas da cidade, as quais são negligenciadas até mesmo na representação cartográfica, como será visualizado ao longo do trabalho.³

A adoção do recorte cronológico que se estende de 1886 a 1912 está vinculada aos marcos factuais nele inscrito. O ano de 1886 se refere ao início do período em que foi elaborado o plano de expansão e melhoramento urbanístico da cidade de Belém, de autoria do engenheiro Manoel Odorico Nina Ribeiro. Este plano constitui a base cartográfica para o desenvolvimento dos estudos desenvolvidos neste artigo. O ano de 1912 marca, de acordo com a historiografia corrente em Sarges (2005), o declínio da economia gomífera, ocasionado em grande parte pelo avanço do cultivo rentável de *hevea brasiliensis* no continente asiático. Refere-se também à destituição de

Antônio Lemos da intendência municipal, após um grande recesso financeiro na economia local, além de fragmentações políticas em nível local e central.

Os vários estudos já existentes sobre o período da *Belle Époque* amazônica e seus desdobramentos na capital, observados em Sarges (2005), devem-se, sobretudo, à expressiva quantidade de documentos e imagens referentes àquele período, o qual reforçou o imaginário de uma Belém “áurea”, inigualável e nostálgica ao olhar do público em geral. A riqueza desse imaginário acabou por atrair a atenção de pesquisadores de diversas áreas, sendo a arquitetura um estandarte da notoriedade desse período, refletindo, materialmente, todo o ideário de uma época. Este fato contribuiu para o direcionamento das pesquisas em arquitetura à uma análise majoritariamente formal-arquitetônica, que analisa o edifício em si, como artefato construído: sua tectônica, tipologia, “estilo”, detalhamentos e levantamentos em geral.

Em contrapartida ao tipo de análise mencionado acima, propõe-se um olhar distinto: o observador deve passar a ver a cidade *a partir* da janela do edifício, distraído-se do invólucro (estrutura construtivo-arquitetônica). Ainda de maneira alegórica, percebe-se que as pesquisas correntes costumam olhar os edifícios a partir dos passeios externos à edificação, olhando-os de baixo para cima, monumentalizando-os de tal forma a esquecer o entorno urbano.

Na abordagem deste artigo invertem-se caminhos e perspectivas: o artefato arquitetônico, agora, segue em direção a seu contexto. Para tanto, utiliza-se um parâmetro espacial-distributivo, que põe em destaque a história urbana. Esse parâmetro foi reproduzido em uma base cartográfica digitalizada, no qual as edificações foram especializadas. Portanto, as obras, a partir de sua localização, mostrarão seu modo de inserção no contexto urbano e responderão questionamentos

³ A etapa apresentada nesse artigo diz respeito ao levantamento, análise e mapeamento do conjunto edificado no período de 1886 a 1912, com fins de elaboração de mapas históricos da cidade de Belém. Essa espacialização integrará o “Atlas Histórico da Cidade de Belém”, projeto vinculado à pesquisa “Estudo de processos de modernização em Belém como subsídio para a história urbana (1886-1960)”, desenvolvido pelo Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA).

como: de que maneira sua construção influenciou a dinâmica espacial? Como o entorno influenciou na escolha dos sítios de implantação? É a partir dessa influência mútua edifício-entorno que se apresenta, a seguir, o mapeamento do conjunto edificado no período de 1886 a 1912.

Tem-se como resultado desse estudo o enlace dos fatos históricos com a forma da cidade, numa correspondência à disciplina história urbana, a qual, dentro da arquitetura despontou como forma de valorizar o espaço físico como ator dos processos. Logo, essa disciplina é via para relação entre espaço e sociedade - o modo que os processos globais se articulam com a vida social (GUARDIA, MONCLÚS e OYON, 1996).

No estudo em desenvolvimento, valoriza-se não só o papel da arquitetura dentro do processo de modernização (processo que invariavelmente é relacionado unicamente à superação de um estágio anterior), mas sobretudo à relevância das cidades nesse processo, observada por Capel (2006 apud FERREIRA e DANTAS, 2006, p.11), a partir da visualização, no plano das cidades, de melhorias na rede de transporte em trilhos, na infraestrutura portuária, em serviços de comunicação e energia. Acompanha-se também de um melhoramento administrativo municipalista e uma reorganização do sistema financeiro (preços em ascensão e aumento do número de importações). A combinação desses fatores resultou na aparição de novas formas de vida social e mudanças de mentalidade - cada vez mais artificializada - bem como levou à expansão espacial da cidade, com alterações estruturais e morfológicas, e o fomento da construção imobiliária.

Deste modo, é na gestão de Antônio José de Lemos que vigorou entre 1897 a 1912, que se pode visualizar com mais clareza todos esses indicativos de modernização que neste artigo será estudada à luz de um desses indicadores: a componente edilícia. Os edifícios, como parte estruturante das políticas de Lemos, estavam pontuados na superfície da cidade, erguidos consoante concepções higienistas do fim do século XIX. Portanto, para além da análise dos edifícios como artefatos construídos, as obras podem explicar a estruturação do entorno. Como forma de melhor compreender essa estrutura, o mapa de espacialização foi utilizado como uma ferramenta de comunicação otimizada quanto da demonstração e análise desses fenômenos, fomentando uma associação entre cartografia histórica e história urbana, que forneça subsídios para interpretação da cidade, seus protagonistas e seus fenômenos. Além disso, o mapa se revela em intenções e silêncios, ou seja, omissões deliberadas que fortalecem uma ideologia, fornecendo indícios para interpretação do contexto e dos atores envolvidos em sua produção.

A CIDADE, OS EDIFÍCIOS E O “SÉCULO DA TÉCNICA”

O Texto desenvolvido tem relação com o que foi levantado pela pesquisa bibliográfica e documental e pelos indicativos quantitativos relativos ao indicador “edificações”. Esse levantamento culminou em uma sistematização qualitativa, que diz respeito à elaboração de mapas temáticos e a integração destes. Ou seja, uma representação cartográfica desses processos urbanos observados em um mapa unificado. A maior parte dos resultados se configura como discussão teórica, sendo a parte gráfica desse estudo condensada no mapas temático apresentado.

Como parte da metodologia, foram realizados levantamentos dos relatórios de gestão de Antônio Lemos (anos 1987-1902,1903,1904), com a finalidade de observar a relevância de determinadas edificações para o contexto urbano, bem como suas contextualizações temporais. Inicialmente, o

que chamou atenção nos relatórios de gestão foi a frequência do uso de expressões arraigadas à matriz ideológica que norteava essas novas obras, ou seja, os ideais higienistas do século XIX, predominantemente a haussmanização⁴, um dos produtos do “século da técnica” (COLLADO, 1999, p.14).

Os processos de modernização fornecem subsídios para a compreensão da história urbana e neste artigo, são analisadas as transformações observadas no espaço construído, espaço urbano e edílico, partindo da ideia de Lepetit (2001) de cidade como “cruzamentos”, fluxos que inter-relacionam morfologia urbana, urbanidade, fragmentos do espaço, hábitos passados e formas produzidas. Adota uma abordagem da cidade, que inclui a cultura profissional e a “correlação de séries culturais” apresentadas por Salgueiro (2001), inscrevendo-se nas premissas de “análise de uma história sociocultural que não pode ser definida isoladamente” (SALGUEIRO, 2001, p.140).

Como exemplo do compêndio de soluções mais comumente adotadas por Lemos, o Mercado Municipal, atualmente conhecido como Mercado Bolonha ou Mercado de Carne apresenta-se como importante expressão da gestão de Lemos. No documento “O município de Belém - Relatório de Antônio José Lemos, 1897-1902” (p.67-69), o Intendente afirmou que o antigo prédio do mercado não configurava um “estabelecimento de primeira ordem” por conta de sua assincronia (tanto estética quanto estrutural) em relação ao dinamismo da cidade em processo de modernização. Foi classificado como vetusto e deselegante, e tal classificação fazia parte da postura crítica de Lemos em relação ao tradicionalismo construtivo, insalubridade e mau estado da arquitetura pública e privada administrada pelas gestões anteriores. Nota-se também uma certa vaidade nos discursos de Antônio Lemos, que se posicionava como principal responsável pela solução dos problemas e obsolescências da cidade, o mesmo afirma que a dinâmica interna do Mercado Municipal fora otimizada a partir de sua gestão, garantindo assim um bom serviço à população.



Figura 1. Mercado Municipal no início do século XX (acima) e posteriormente às reformas de Antônio Lemos e Francisco Bolonha (abaixo).

Fonte: Álbum do Pará (1902), Álbum Belém da Saudade (2006)

⁴ “Hausmanização” diz respeito às reformas urbanas de modernização e embelezamento estratégico da cidade. Propostas pelo Barão Georges-Eugène por meio do Plano Haussmann, essas reformas tinham relação com as condições de habitabilidade na Paris do século XIX. Além disso, contava com a abertura de bulevares e praças que tinham como objetivo “permitir a circulação do ar e dos homens”, aumentando a salubridade na cidade.

Observa-se que toda essa mudança de dinâmica não se relacionava somente à tectônica das obras, tampouco à sua reorganização logística interna. A mentalidade popular, sob a égide lealista, passou por uma padronização higienista e civilizatória que artificializou diversas interações sociais e formas de consumo e comércio. Ainda citando como exemplo o Mercado Municipal, Lemos (1902) descreve que além de ações de reparo, como pintura interna e externa do mercado, foram praticadas ações de “disciplinamento”, tanto de administradores quanto de comerciantes. Certamente para o Intendente, não bastava somente uma remodelação material e logística (no que tange à organização interna, rotina de higiene etc), far-se-ia imprescindível também uma modificação imaterial, relacionada a mentalidades e posturas, que resultariam numa completa modificação e subjugação de um imaginário, o qual a partir daquele momento, seria encaminhado a uma assepsia modernizadora europeia, em contrapartida ao provincianismo tradicionalista da cidade de Belém.

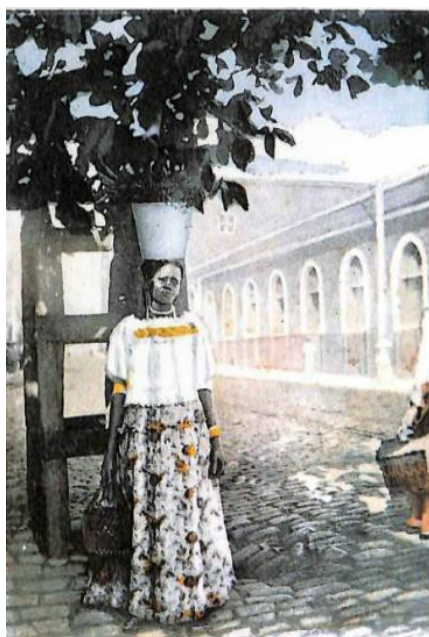


Figura 2. Cozinheira em frente ao Mercado Municipal, ano desconhecido. Fonte: Álbum Belém da Saudade (2006)

Neste sentido, vigora a Lei nº187 de 17 de março de 1898⁵, na qual o Conselho Municipal autorizou que a Intendência e o Governo do Estado somassem recursos para a criação de uma comissão composta por profissionais habilitados para apresentar um Plano Geral de Embelezamento e Saneamento de Belém. Deste modo, seria criado um plano para as futuras edificações públicas e particulares, obedecendo à higiene e embelezamento da cidade e das construções.

Destaca-se, deste modo, a importância da Seção de Obras no projeto modernizador da cidade. Criada em 1897, esse departamento estava anteriormente instalado “n’um exiguo recinto, impróprio aos trabalhos técnicos e constituindo méra dependencia da Secretaria municipal.” (LEMOS, 1902, p.14). Por este motivo, Lemos observa a importância de reestruturar um

⁵ Em LEMOS, Antônio José de. O município de Belém - Relatório de Antônio José Lemos, 1897-1902. 1902. p.95

departamento que seria fundamental para dar suporte ao plano de renovação estética e funcional da capital; além de ser encarregado da organização de orçamentos de obras e fiscalização da execução das obras.

A ARQUITETURA DOS EDIFÍCIOS - ESPACIALIDADE, TECTÔNICA E LEGISLAÇÃO.

“Como são detestáveis os feios prédios em nossas avenidas!” (LEMOS, 1903, p.155). Com base nessa constatação, Lemos pede para que os proprietários de terrenos situados às margens das avenidas sejam sensatos ao erguer suas fachadas, de modo que estas sejam sempre elegantes e graciosas, respeitando às questões de ventilação, luminosidade e saneamento. Deste modo, o esforço era em direção à construção de prédios “cômodos, higienicos, elegantes e obedientes a estylos architectonicos”, fugindo da fachada lisa e uniforme - o “desespero dos esthetas”. (LEMOS, 1903, p. 162)

Menciona constantemente as reais condições das edificações da cidade e discorre sobre suas aspirações para Belém, dentre elas o emprego de “linhas da arquitetura moderna” (LEMOS, 1902, p.164), numa sábia combinação de estilos, apontando a prenúncios do ecletismo. Faz críticas à ganância dos “capitalistas” e à pressa e mau uso dos materiais pelos mestres de obras, como forma de justificar o atraso do sistema de edificação no Pará. Como consequência dessa série de omissões, erguiam-se casas de mau gosto e má aparência, tidas como “acanhadas e baixas”. Lemos faz críticas ainda mais ferrenhas à divisão interna dessas casas, e as descreve como traçadas por um só plano comum, detentoras de “puxadas” localizadas quase sempre no mesmo local, configurando uma “sucessão monótona de aposentos”. A cidade estaria, segundo ele, repleta desses exemplares “feios” e “anti-higiênicos”.

Note-se que todas essas regras e diretrizes se aplicavam também aos edifícios assistenciais, como pode-se observar no Asilo de Mendicidade, descrito no relatório de 1902 como detentor de uma franca entrada de ar e luz pelos seus compartimentos. Além disso, as exigências de higiene faziam-se cumprir, assim como eram estipuladas cautelosamente alturas de pé direito, altura de implantação no terreno e distância entre forro e cobertura.

Figura 3. Asilo de Mendicidade em 1902. Fonte: Álbum de Belém (1902)

O intendente critica ainda a fragilidade na aplicação e cumprimento das leis sobre construção. Para isso propõe uma complementação da lei. Primeiramente, ele afirma que a legislação vigente dava margem a sofismas. Ressaltou a imprescindível visita dos técnicos da seção às obras

edificadas, afim de consolidar pareceres sobre a legalidade ou não daquela obra. Contudo, após essas visitas, alguns proprietários faziam modificações radicais e ilegais na planta original, reduzindo a área de alguns aposentos, diminuindo a altura do pé direito interno. Isso gerava ganhos econômicos imediatos, em contrapartida, Lemos afirmava tratarem-se de alterações prejudiciais à salubridade da edificação. Essa atitude, posteriormente, comprometeria a habitação na edificação, já que quase nenhum inquilino conseguia permanecer por longos períodos em ambientes “incomodos, quentes e inabitáveis” (LEMOS, 2012, p.166). Assim, tais residências modificadas permaneciam fechadas por longos períodos de tempo, afetando a dinâmica da paisagem urbana. Para tanto, propôs-se que houvesse uma fiscalização das condições das obras em momentos posteriores ao aluguel, afim de verificar possíveis modificações



Figura 4. Av. S. Jeronymo (atual Av. Gov. José Malcher) esquina com Tv. Generalíssimo Deodoro, após 1903.

Fonte: Belém da Saudade (1906)

Lemos afirma ainda que as avenidas seriam mais belas se nelas houvessem fachadas variadas, em contrapartida à monotonia de fachadas em linha de algumas companhias de seguro. O Intendente sugere que essa padronização poderia ser mais adequadamente aplicada nas fachadas das moradias de operários, em bairros periféricos. Deste modo, percebemos que a concepção de conjunto edificado lealista relativiza questões de continuidade arquitetônica, em prol de um panorama construído que pudesse funcionar também como vitrine de uma administração comprometida⁶ com os tempos e os signos da modernidade. Ou seja, uma variação de fachadas seria o antídoto para a monotonia e corroboraria com uma estratificação social, de base majoritariamente simbólica. A paisagem não necessariamente deveria ser homogênea para se mostrar arquitetonicamente harmônica. A beleza do projeto lealista encontrava-se numa harmonia de estilos, ou seja, as fachadas poderiam – e deveriam – ser diversas, mas, irremediavelmente, comporiam um panorama do ecletismo.

⁶ Lemos (1902) revela o esforço “salutar” de outras nações em prol do embelezamento urbano, tomando como exemplo Buenos Aires, informando que naquela cidade havia uma premiação aos arquitetos que projetassem as melhores e mais belas fachadas. Além disso, os proprietários daquelas obras premiadas eram isentos de impostos municipais por um determinado número de anos. Deste modo, Lemos (1903) cobra que a imprensa divulgue a existência de políticas como essas, incentivando o início de “nova era de embelezamento” na capital.



Figura 5. Rua João Alfredo em 1905, aproximadamente Fonte: Acervo LAHCA

No ano de 1902 houve um incremento sensível na quantidade de edificações urbanas construídas por iniciativa privada. Lemos lamenta que, apesar desse boom imobiliário, em 1903 ainda se construía em consonância à estética de “mau gosto” ditada pelos construtores e mestres de obras. Deste modo, faz críticas àquelas linhas deselegantes, ao uso de imitações de mármore, à monotonia daquelas obras etc. “[...] a edificação urbana absolutamente não acompanha os passos da iniciativa municipal”, afirma (LEMOS, 1903, p.130).

Em um relatório parcial escrito em dezembro, Lemos (1902) propõe uma reforma no código legislador no que tange à questão das edificações. Como pontos principais, encontram-se: o acompanhamento das tendências civilizadoras, de higienização e de indústria; a libertação da cidade de uma rotina construtora; a busca pelo passado como sinônimo de mau-gosto e insalubridade; a regularização das edificações; a crítica ao artigo 88 do Código de Polícia que exige a construções de sobrados, incompatíveis com uma cidade que “precisa ser largamente banhada de ar e luz”. Antônio Lemos critica também os “escandalosos barracões em frente à alfândega”, por questões estéticas, de higiene, por prejudicarem a ventilação e iluminação natural da área litorânea.

Em suma, pode-se observar que as iniciativas construtivas de Antônio Lemos, apesar de darem grande importância a visualidade dos edifícios, notória nas mais diversas críticas estéticas ao longo de seu relatório⁷, também atenta a questões técnicas e funcionais. Tal fato pode ser exemplificado na descrição do novo prédio do Corpo de Bombeiros, na Rua João Diogo: o Intendente ressalta que as instalações do prédio eram “vastas, arejadas e claras, de grande comodidade”. Os aparelhos eram tidos como modernos, a mobília como simples, mas adequada. Por isso, Lemos afirmava que a comodidade, base do bem-estar, era predominante naquele projeto, em detrimento do luxo. (LEMOS, p.56). Deste modo, a tríade beleza, técnica e funcionalidade era responsável pela consolidação de obras emblemáticas. Revelando sua vaidade e esforços administrativos, Lemos (1904), pode classificar o novo Quartel, antes “impróprio e acanhado”, como, senão o maior, o melhor do Brasil.

⁷ Ver LEMOS (1903), p.151.

EXPANSÃO SUBURBANA

Em contrapartida à afirmação frequente de que as áreas devolutas deveriam ser destinadas a logradouros públicos, Lemos reitera que os terrenos localizados na orla da cidade deveriam ter funções essencialmente mercantis, devendo ser as atividades de lazer deslocadas para o centro da cidade. Esse deslocamento de atividades outras que não as comerciais, modificaram a distribuição edilícia ao longo da superfície da cidade. Tendo em vista esse fato, as famílias que anteriormente residiam próximo às áreas mercantis como a Cidade Velha, passaram a se deslocar para pontos afastados da cidade, afim de construir suas “rocinhas”, tipologia definida usualmente como “vivenda, cercada de árvores silvestres, de fruteiras, de jardins míticos, na paz dos subúrbios” (TOCANTINS, 1963, p.106).

A ocupação do subúrbio⁸ da cidade é um tópico relevante nos relatórios de Lemos. Afirmou-se que o subúrbio compreendido pelo bairro do Marco “constituía a direção natural do crescimento da cidade de deveria ser um dos bairros mais bonitos e elegantes de Belém” (DERENJI, 1987, p.151). Lemos revela que durante as administrações anteriores, havia poucas chácaras a longo da antiga Estrada de Bragança e estas somente eram habitadas durante a estação seca, por pessoas que “alienavam seus direitos ao uso e gozo dos benefícios da civilização” (LEMOS, 1902, p.174). Ainda de acordo com Lemos (1902), após “dispendiosos, mas profícuos serviços”, a Estrada de Bragança tornou-se a moderna Av. Tito Franco (atual Av. Almirante Barroso). A partir dali a via foi ornamentada por inúmeros prédios elegantes e bonitas chácaras, algumas de “extraordinário valor intrínseco e estimativo”, sustentadas pela lei nº 275 de 30 de junho de 1900, a qual continha normas de salubridade, regularização e embelezamento das edificações particulares.

Considerado pelo Intendente como “o subúrbio mais saudável de Belém” (LEMOS, 1903, p.220-222), o bairro abrigava um numero crescentes arquiteturas privadas, viabilizadas pelo projeto de urbanização daquele bairro praticado no inicio século XX, por iniciativa da administração lealista. Por conta deste mesmo projeto, o bairro começou a ser ocupado por diversas instituições públicas como o Orphelinato Municipal, o Asylo de Mendicidade, o Palácio Lauro Sodré, o Hospital Juliano Moreira, dentre outros. Percebe-se então, a contar pelo numero de estabelecimentos de saúde, que a escolha desse bairro para implantação desses institutos, se relacionava à grande distância do centro da cidade, ou seja, evitava-se contaminações por aglomeração, além de mascarar “mazelas”, que ficariam longe das vistas da população do centro, fomentando o ideal de cidade “perfeita”.

MAPAS TEMÁTICOS: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

A etapa apresentada nesse artigo diz respeito ao levantamento, análise e mapeamento do conjunto edificado no período de 1886 a 1912, com fins de elaboração de mapas históricos da cidade de Belém. A representação da distribuição da ocupação edilícia, necessitava de uma base cartográfica onde todos os dados pudessem ser locados. No caso dessa primeira parte do estudo, tratamos da espacialização, em mapa, das edificações mais relevantes para o contexto urbano no período da *Belle Époque*, e/ou edifícios citados por Antônio Lemos em seus relatórios de gestão. A base cartográfica escolhida foi a “Planta da Cidade de Belém, 1899” retirada do álbum MDCCCXCIX AMAZONIA, de Arthur Caccavoni (1899). A cartografia data de 1886-1986, é de autoria do

⁸ De acordo com o Google Dictionary: Subúrbio s.m ETIM lat. suburbium,ii 'arrabalde, arredores, contorno (de cidade) [...] nos países desenvolvidos, área de expansão espacial das cidades resultante da formação de uma classe média de renda alta, que busca localização residencial na qual desfrute de um espaço confortável e ambientes saudáveis, relativamente próximos do centro urbano”.

engenheiro Manoel Odorico Nina Ribeiro e corresponde a um plano de expansão e melhoramento urbanístico da cidade de Belém. Deste modo, nota-se que a associação entre cartografia histórica e história urbana fornece subsídios para interpretação da cidade, seus protagonistas e seus fenômenos. Além disso, o mapa se revela em artifícios que fornecem índices para interpretação do contexto e dos atores envolvidos em sua produção.

Figura 6. "Planta da Cidade de Belém, 1899"

Fonte: MDCCCXCIX AMAZONIA, Arthur Caccavoni (1899).

Seguindo estes raciocínios, os objetivos específicos do seguinte trabalho se baseiam nas observações de Collado (2013), ao mesmo tempo que buscam

"[...] sistematizar informações disponíveis sobre uma cidade determinada afim de que os dados documentais possam ser relacionados, [...] possibilitar a partir de tal documento gráfico, a análise comparativa de diferentes fenômenos que convergem nessa situação urbana selecionada [...]" (COLLADO, BERTUZZI, DEL BARCO, 2013, p.170)

É importante redefinir alguns conceitos frequentemente citados ao longo do texto. De acordo com a North American Cartographic Information Society, para o público em geral, o termo "cartografia" é definido como arte, ciência e tecnologia do traçado de mapas. A definição direcionada a profissionais cartógrafos (de diversas áreas), seria "a ciência e a tecnologia de analisar e interpretar as relações geográficas e a comunicação dos resultados mediante mapas" (HARLEY, 2005, p.13). Deste modo, percebe-se que há uma espécie de ressignificação do termo, no sentido que cartografia não mais se trataria apenas de um artifício, técnica ou produto condicionado a coordenadas. Passou a ser uma forma de delimitar espaços em suas significâncias. Logo, para as cartografias da modernidade presentes nesse artigo, temos uma análise de mapas e cartas que superam suas realidades georreferenciadas, passando a ser instrumentos descritivos de processos e fenômenos sócio-econômicos que podem ser lidos espacialmente.

A consolidação de um atlas histórico, em compasso às novas exigências metodológicas, preconiza uma ampliação do raio de observação, viabilizando uma atitude comparativa a qual evita a fixação da história urbana num horizonte unicamente local, logo, suscetível a generalizações mal avaliadas (GUARDIA, MONCLÚS e OYON, 1996, p.113). Portanto, o estudo da história urbana como ferramenta para a criação desses atlas, revela uma globalidade a qual viabiliza a compilação de

similitudes entre indicadores de locais distintos, corroborando ou negando os pressupostos de um determinado estudo. Com isso, faz-se uma alusão à história comparada da Escola dos Annales, na qual defendeu-se a comparação entre fenômenos diferentes⁹.

Essas analogias, todavia, requerem uma afirmação prudente e criteriosa, que leve sempre em consideração as particularidades geográficas, econômico-sociais e materiais de cada local que terá seu mapa analisado. No caso do estudo desenvolvido, as comparações entre os mapas terão caráter comparativo temporal, ou seja, serão confrontadas as cartografias de uma mesma cidade, contudo, em períodos distintos, de modo a acompanhar a evolução da cidade, em variados indicadores, durante os quase 70 anos compreendidos pelo recorte adotado.

Isso se relaciona, majoritariamente, à disponibilidade de material bibliográfico e instrumental de cada lugar de estudo. Tendo isso em vista, observou-se que a cartografia histórica da cidade de Belém disponível sobre esse período resume-se praticamente ao plano aqui utilizado, fato que dificultou o desenvolvimento de um estudo de maior abrangência. Desta maneira, o estudo é justificado pela necessidade de valorização e relevância da produção cartográfica como reflexo das diferentes tensões do contexto em que se produziram. Sempre há de se ter em vista a dialética unidade versus multiplicidade, em busca de uma síntese sócio-espacial, local e geral entre cartografias.

Analisar determinada realidade urbana e mapeá-la em indicadores de modernidade, por exemplo, culmina numa representação específica da cidade. Essa representação é múltipla, e por vezes restrita por estar atrelada a determinados discursos¹⁰. Há que saber que ao trabalhar com mapas, não se está lidando somente com uma ciência formal de comunicação tampouco com uma sequência de processos técnicos, como afirma Harley (2005)

[...] dirigimos nosso interesse a uma história e uma antropologia da imagem, e aprendemos a reconhecer as qualidades narrativas da representação cartográfica, assim como sua exigência de oferecer uma imagem sincrônica do mundo. Além disso, é provável que tudo isso leve a um rechaço da neutralidade dos mapas na medida em que chegamos a definir suas intenções além do aspecto literal da representação, e comecemos a aceitar as consequências sociais das práticas cartográficas” (HARLEY, 2005, p.11).
Tradução da autora.

O MAPA COMO FERRAMENTA DESDOBRÁVEL

Deste modo, do mapa surgem ideias, fatos, intenções, pretensões. Observam-se lacunas, excessos, “verdades” parciais e falseamentos históricos. Analisar um mapa é permitir-se enxergar, no plano, uma gama de informações por vezes emaranhadas em textos escritos, que se dispersam em palavras, mas que por sua vez aumenta o número de informações almejadas. A cartografia é essencialmente tradução, decodificando de maneira gráfica e acessível o artefato urbano em suas dimensões escalares. A partir do mapa, toma-se consciência dos impactos das transformações urbanísticas, e a partir disso, é possível que se traduza, no plano, de demografia à economia.

Para tanto, necessitou-se de uma remodelação nos aportes metodológicos e referenciais dos estudos que envolvem a cidade. Anteriormente, de acordo como Guardia Monclús e Oyón (1999),

⁹ BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

¹⁰ Harley (2005), reporta-se a uma das unidades de análise de Foucault, o discurso, como um sistema de possibilidades de conhecimento.

as áreas de estudos que se interessavam pelo espaço urbano estavam desvinculadas da perspectiva histórica. Em vista disso, realizou-se uma contextualização histórica introdutória, para que pudesse estabelecer de maneira mais clara uma ligação entre história e forma urbana, posteriormente representada.

Após a escolha e digitalização da base cartográfica, procedeu-se a espacialização das edificações mais relevantes ao contexto urbano, no período da *Belle Époque*, e/ou edifícios citados por Antônio Lemos em seus relatórios de gestão. Por meio do software QGis, as informações cartográficas foram georreferenciadas, os dados das edificações foram corretamente tabulados, as obras foram locadas em seu endereço correspondente. Para isso, as ruas foram nomeadas de acordo com o mapa base, de Nina Ribeiro, para que houvesse uma espacialização mais próxima possível aos propósitos da municipalidade e à morfologia urbana da época.

Para a análise deste indicador de urbanidade, optou-se por uma escala menor, menos tematizada, que mostrasse um panorama mais geral da cidade. Essa opção permite a identificação das manchas correspondentes à densidade edilícia em distintos pontos da superfície urbana, permitindo inferir quais processos influenciaram a escolha dos sítios de implantação, bem como o modo que a locação dessas edificações influenciou o entorno urbano. Essa sugestão de escala, bem como a classificação dos edifícios, foi sugerida no estudo de Collado (1999), aplicado à elaboração do Atlas Histórico da província de Santa Fe, Argentina.

MAPA TEMÁTICO E DISCUSSÃO

De posse da introdução teórica apresentada acima, podemos analisar o produto final deste estudo, de maneira mais fundamentada. Primeiramente, deve-se compreender que o objetivo inicial era a espacialização de obras que já constavam no mapa de Nina Ribeiro. Complementarmente, seriam escolhidas algumas obras citadas em outras fontes documentais, e nesse caso começamos pelos relatórios de gestão de Antônio Lemos (1902, 1903 e 1904), de acordo com suas relevâncias ao contexto urbano. Nestes relatórios, notou-se uma menção frequente de determinadas obras, o que tornava menos variado o rol de obras daquele documento. Além disso, a significativa presença de obras não consolidadas e/ou sem localização determinada e que por esses motivos não poderiam ser espacializadas, foi outro fator que fez urgir a necessidade da análise de outros documentos. Foram analisados outros documentos da Intendência, como o “Álbum de Belém, 1902”. A partir desse cruzamento documental, a lista de edificações pode contar com quase 60 exemplares, número que tende a crescer conforme o avanço do estudo.



**CONJUNTO EDIFICADO EM 1883-1912
MAPA NINA RIBEIRO (1883-1886)**

Sistemas de Coordenadas Geográficas:
EPSG:4674; SIRGAS 2000
Escala: 1:37000
Fonte: RIBEIRO, N (1883)
Base Cartográfica: Luiz Henrique Gusmão
Elaboração: Rebeca Dias

LEGENDA:

- EDIFICAÇÕES (MAPA DE NINA RIBEIRO)
- EDIFICAÇÕES (RELATORIOS MUNICIPAIS)
- RUAS
- ÁREA CONSTRUÍDA
- ÁREA PLANEJADA

LISTA DE EDIFICAÇÕES

- | | |
|---|--|
| 1. PALACIO DO GOVERNO | 30. EGREJA ROSARIO DOS BRANCOS |
| 2. PALACIO DA INTENDENCIA | 31. EGREJA D S. ANNA |
| 3. ESACTORIA DAS RENDAS | 32. EGREJA ROSARIO DA CAMPINA |
| 4. MERCADO PUBLICO | 33. EGREJA DA TRINDADE |
| 5. ALFANDEGA | 34. EGREJA DA MERCEDE |
| 6. CORREIO | 35. EGREJA DE S. ANTONIO |
| 7. REPARTICAO DE SEGURANCA PUBLICA | 36. EGREJA DO NAZARETH |
| 8. CORPO DE INFANTARIA - | 37. HIPPOBROMO |
| 9. 4° DE ARTILHARIA | 38. BANCO DE BELEM DO PARA |
| 10. CADEIA | 39. THEATRO POLITEAMA |
| 11. GAZOMETRO | 40. CORPO DE BOMBEIROS |
| 12. THEATRO DA PAZ | 41. COCHEIRA MUNICIPAL |
| 13. ARSENAL DA MARINHA | 42. * E OFICINAS SERVIÇO SANIT. MUNICIPAL) |
| 14. ARSENAL DE GUERA | 43. INSTITUTO GENTIL BITTENCOURT |
| 15. LYCEO PARAENSE BENJAMIN CONSTANT* | 44. PALACETE RESIDENCIAL |
| 16. ESCOLA NORMALE/COLEJO DE AMPARO | 45. ASILOS DOS ALIENADOS E DA MENDICIDADE |
| 17. SEMINARIO DO CARMO | 46. ORFANATO |
| 18. BOLSA | 47. MATADOURO |
| 19. BANCO DO PARA | 48. NECROTÉRIO |
| 20. BANCO DE BELEM DO PARÁ | 49. SUCURSAL DO CORPO MUNICIPAL |
| 21. BANCO NORTE DO BRASIL | DE BOMBEIROS |
| 22. BANCO COMERCIAL DO PARA | 50. MERCADO DE FERRO |
| 23. HOSPEDAL DA ORDEM 3 | 51. USINA DA CREMAÇÃO |
| 24. * SANTA CASA DA MISERICORDIA | 52. INSTITUTO LAURO SODRÉ |
| 25. * D. LUIZ 1°/BENEFICENTE PORTUGUEZA | 53. GRUPO ESCOLAR JOSÉ VERÍSSIMO |
| 26. QUARTEL DO 1° DE INFANTARIA | 54. GRUPO ESCOLAR SANTA LUZIA |
| 27. EGREJA DE S. E CATEDRAL | 55. GRUPO ESCOLAR NAZARETH / PARÁ ELECTRIC |
| 28. EGREJA DE S. ALEXANDRO | 56. REPARTIÇÃO SANITARIA MUNICIPAL |
| 29. EGREJA DO CARMO | 57. QUARTEL 1 CAVALARIA / QUARTEL GENERAL |
| 30. EGREJA ROSARIO DOS BRANCOS | 58. QUARTEL 1 INFANTARIA |
| 31. EGREJA D S. ANNA | |
| 32. EGREJA ROSARIO DA CAMPINA | |
| 33. EGREJA DA TRINDADE | |
| 34. EGREJA DA MERCEDE | |
| 35. EGREJA DE S. ANTONIO | |



Figura 7. Mapa temático de ocupação edilícia sobre cartografia digitalizada de Ribeiro (1886).

Elaboração: Rebeca Dias (2016)

Uma das expressões mais patentes diz respeito a sua densidade edificada, observada no mapa em três gradações distintas, explicadas a seguir. Fica evidente que o maior numero de edificações se concentra no bairro da Cidade Velha, Campina e Reduto, ou seja, nos marcos iniciais de ocupação da cidade. Isso se deve, primordialmente, à concentração de atividades comerciais naquela área, especialmente na Cidade Velha e sua zona portuária. Após a intensificação das atividades gomíferas, as áreas baixas da cidade passaram a se “especializar” em atividade ligadas ao látex. Logo, os lucros daquela dinâmica começaram a ser revertidas para a municipalidade, esta que passou a investir nas áreas secas e altas da cidade, como os bairros de Batista Campos e Nazaré. A aglomeração edilícia nessa área é tão grande de modo que algumas indicações numéricas (em laranja em azul) se sobrepuseram umas às outras, obstruindo a visão total das edificações, sendo necessário se valer de um zoom in que pudesse mostrar essas obras mais individualmente¹¹.

¹¹ Para visualizar o mapa em alta resolução, acessar <<http://migre.me/vCEMe>>

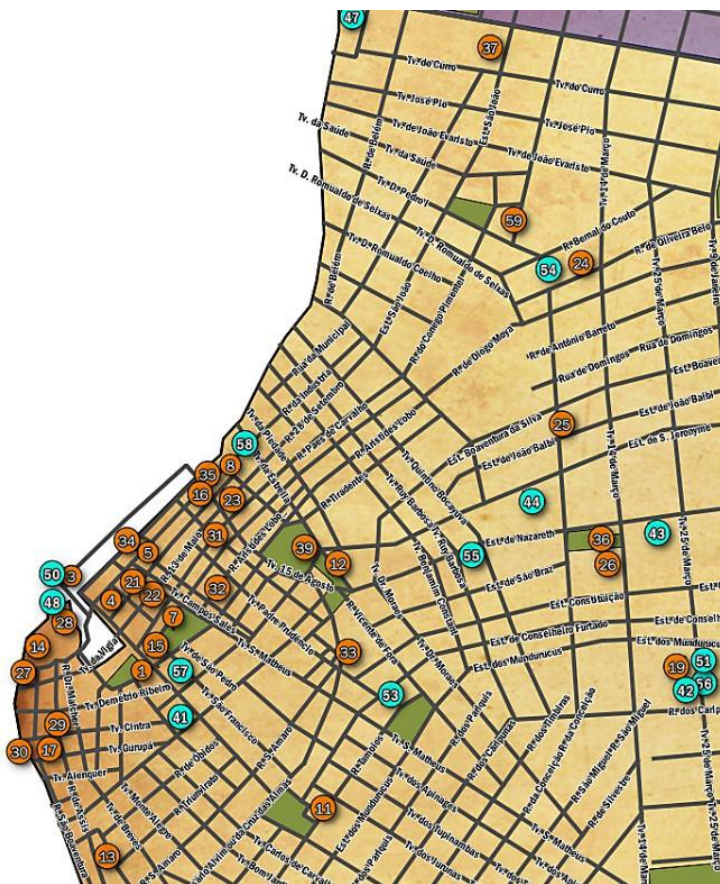


Imagem 8 - Detalhe da área A, delimitada no mapa anterior Fonte: Elaboração da autora

A modernização, em sua terceira gradação, adentrou a cidade - a “civilização” chegara aos subúrbios da cidade (ver item 1.3). Contudo, o mapa de Nina Ribeiro, por se tratar de um plano parcial da Belém de 1989, não mostrou a cidade em sua real extensão. Deste modo, só vemos a Estrada de Bragança (atual Av. Almirante Barroso) em seu trecho inicial, o que prejudicou a espacialização de obras ao longo da posterior Av. Tito Franco.

Apesar do espraiamento dessas edificações, percebe-se na análise ampliada do mapa, que as formas ecléticas não foram tão abrangentes quanto o projeto de Lemos se propunha. A existência (ou ausência) dessas obras no espaço urbano definia os limites entre centro e periferia da cidade, logo, as edificações eram vetores de modernização, impondo-se no espaço como estandarte de uma administração. Apesar de toda grandiosidade dessas obras e de seus símbolos, fica evidente pelos “vazios” do mapa que Belém, em sua grande parte, não participou do processo de modernização por meio das formas ecléticas.

O mapa, de imediato, causa estranheza. Devido ao avanço da cartografia digital, tem-se cada vez mais familiaridade com a forma da cidade, e certa clareza do desenho da superfície da cidade, e quando se deparam com o mapa, surge o questionamento “esse é realmente o mapa de Belém?”. Essa sensação é explicada pela datação do mapa, já que se trata da cidade do fim do século XIX e por delimitar apenas a área da primeira légua patrimonial. Mais de um século separa a Belém de Nina Ribeiro e a Belém de hoje. Deste modo, trata-se de uma base cartográfica histórica,

produzida manualmente sem as tecnologias atuais, o que justifica imprecisões de localização e traço, mas acima de tudo, não se conhecia a cidade em toda sua extensão. Todavia, essa “estranheza” tem fundamento, pois, de fato, aquela não era Belém - era a Belém desenhada consoante uma ideologia de cidade real versus cidade planejada (ideal). A Belém de Nina Ribeiro era majoritariamente um grande plano. Foram omitidas zonas, bairros, ruas que não interessavam à propaganda administrativa. Por outro lado, foram valorizados artifícios que contribuíram para uma assepsia da imagem da cidade, como a ortogonalidade dos t. A cidade deveria parecer organizada, racional e irretocável, até mesmo a Cidade Velha em suas ruas estreitas, antigas e desordenadas.

Harley (2005), então, sintetiza a ideia principal contida nessa representação.

As etapas do traçado de um mapa (seleção, omissão, simplificação, classificação, criação de hierarquias e simbolização) são inerentemente retóricos. [...] Deste modo, a liberdade da manobra retórica do cartógrafo é considerável: aquele que traça um mapa simplesmente omite os aspectos do mundo que se encontra fora dos propósitos de discurso imediato. (HARLEY, 2005, p.15. Tradução da autora).

Até mesmo a escolha das edificações a serem espacializadas refletem uma valoração: no mapa de Nina, foram selecionadas as obras que pudessem mostrar o que cidade tinha a oferecer em termos de serviços, inovações, lazer etc. Um verdadeiro guia da Belém perfeita. Do mesmo modo, foram selecionadas as obras do “Álbum de Belém” e nos relatórios de gestão. Sendo assim, é notório: a cidade era feita para o espectador. O mapa e os documentos analisados corroboram a ideia de que a cidade nunca foi acessível. A Belém “áurea” foi vivida somente por quem tinha recursos. De uma perspectiva espacial, o mapa revela que a modernização foi conveniente e condicional, como um exercício de poder político. A cartografia em seus pormenores ratifica um cenário, pois que nega as falhas do território, suprime a espontaneidade das ocupações humanas em prol de uma cartografia artificializada por ideologias e mentalidades. A cidade representada é um exercício de poder à medida que mostra, em seus traços e símbolos, que a cidade é regulada por forças ideológicas; a cidade é de quem a vive. A Belém real está longe do mapa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que há interdisciplinaridade no estudo desenvolvido, o qual é capaz de entrelaçar fundamentalmente, conhecimentos de história urbana, cartografia urbana e historiografia da arquitetura. Portanto, o estudo em questão amalgama esses tópicos em busca de uma compreensão macro do processo de modernização da cidade de Belém e como isso fomentou a construção imobiliária. A análise da cartografia resultante da sistematização qualitativa nos permitiu inferir que para além de uma história narrada pelas edificações, há uma história narrada pelo entorno. O entorno em suas modificações, caracterizadas pelas convergências e divergências resultantes de construções em concreto, conta a história da cidade que fora crescendo em direção às áreas altas e secas, ultrapassando as dinâmicas comerciais do alagadiço. O estudo contribui com o registro sistematizado sucessivo do período em que se deram as intervenções de 1897-1912 e viabilizou a construção dos planos históricos de Belém a partir da compilação de mapas temáticos que se expressou em concentrações edilícias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELÉM. Intendência Municipal. *O Município de Belém - 1902*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1904 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1902
- BELÉM. Intendência Municipal. *O Município de Belém - 1903*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1904 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1904
- BELÉM. Intendência Municipal. *O Município de Belém - 1904*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1904 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1905.
- BELÉM. Intendência Municipal (1898-1911: A. J. de Lemos). *Álbum de Belém*. 15 de novembro de 1902. Paris: P. Renouard, 1902. 104 p.
- CAPEL, Horacio. Caminos de Modernización en la Europa Ultramarina. In: FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George A. F. (Org.). **Surge et Ambula: a construção de uma cidade moderna** (Natal, 1890-1940). Natal: Edufrn, 2006. p.9-25.
- COLLADO, A., BERTUZZI, M.L., DEL BARCO, M.E. Los Atlas Históricos de Ciudades: Instrumentos Para la Interpretación de los Procesos Urbanos. **Apuntes**, Bogotá, v. 26, n. 1, p.170-185, jan. 2013. Semestral.
- COLLADO, Adriana. Interepretaciones Gráficas Sobre los Procesos Urbanos en Santa Fe. **Polis**, Santa Fe, v. 4, n. 2, p.14-25, jan. 1999. Trimestral.
- DERENJI, Jussara da Silveira. **A seleção e a exclusão no meio urbano: reformas do fim do século XIX em Belém do Pará**. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.). *A Amazônia e a Crise da Modernidade*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.
- GROAT, Linda; WANG, David. **Architectural Research Methods**. Nova Iorque: John Wiley & Sons Inc., 2002.
- GUARDIA, M., MONCLÚS, F. J. y OYÓN, J. L. (1996). Los atlas de ciudades entre la descripción y la comparación. El atlas historico de las ciudades europeas. **AYER**, 23, 109-134.
- HARLEY, J. Hacia una Deconstrucción de los Mapas. Fondo de Cultura Economica, Mexico. p. 185-207. 2005.
- LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana**. São Paulo, Edusp, 2001.
- PARÁ. **Belém da Saudade: A memória da Belém do início do século em Cartões Postais**. 3ed. Belém: Secult, 2004, 278p
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. O pensamento francês na fundação de Belo Horizonte: das representações às práticas. p. 135-181. Em: SALGUEIRO, HELIANA ANGOTTI (org.). *Cidades capitais do século XIX*. Edusp: São Paulo, 2001.
- TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.